



**Preparação para
Prova de Admissão
CTeSP
2022**



Fernando Pessoa - ortónimo

Fernando Pessoa (1888-1935) foi um dos mais importantes poetas da língua portuguesa e figura central do Modernismo português. Poeta lírico e nacionalista cultivou uma poesia voltada aos temas tradicionais de Portugal e ao seu lirismo saudosista, que expressa reflexões sobre seu “eu profundo”, as suas inquietações, a sua solidão e o seu tédio. Pessoa foi vários poetas ao mesmo tempo, criou heterónimos, poetas com personalidades próprias que escreveram a sua poesia.

Infância e Juventude

Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa, no dia 13 de junho de 1888. Filho de Joaquim de Seabra Pessoa, natural de Lisboa, e de Maria Magdalena Pinheiro Nogueira Pessoa, natural dos Açores. Ficou órfão de pai aos 5 anos de idade.

O seu padrasto era o comandante militar João Miguel Rosa, que foi nomeado cônsul de Portugal em Durban, na África do Sul. Acompanhando a família, Fernando Pessoa seguiu para a África do Sul, onde recebeu educação inglesa no colégio de freiras e na Durban High School.

Carreira Literária

Em 1901, Fernando Pessoa escreveu os seus primeiros poemas, em inglês. Em 1902, a família voltou para Lisboa. Em 1903, Fernando Pessoa retornou sozinho para a África do Sul e frequentou a Universidade de Capetown (Cabo da Boa Esperança). Regressou a Lisboa em 1905 e matriculou-se na Faculdade de Letras, onde ingressou no curso de Filosofia. Em 1907 abandonou a faculdade.

Em 1912, Fernando Pessoa estreou-se como crítico literário na revista “Águia” e poemas em “A Renascença” (1914). A partir de 1915 liderou o grupo mentor da revista “Orpheu”, entre eles, Mário de Sá-Carneiro, Raúl Leal, Luís de Montalvor, Almada-Negreiros e o brasileiro Ronald de Carvalho. A revista foi a porta-voz dos ideais de renovação futurista desejados pelo grupo, defendendo a liberdade de expressão, numa época em que Portugal atravessava uma profunda instabilidade político-social da primeira república.

Nessa época, criou seus heterónimos mais importantes. A revista Orpheu teve vida curta, mas enquanto durou, Fernando Pessoa publicou poemas que escandalizaram a sociedade conservadora da época. Os poemas “Ode Triunfal” e “Opiário”, escritos pelo seu heterónimo “Álvaro de Campos”, provocaram reações violentas, levando os “orfistas” a serem apontados, nas ruas, como “loucos” e “insanos”.

Autopsicografia	Isto
<p>O poeta é um fingidor. Finge tão completamente Que chega a fingir que é dor A dor que deveras sente.</p> <p>E os que leem o que escreve, Na dor lida sentem bem, Não as duas que ele teve, Mas só a que eles não têm.</p> <p>E assim nas calhas de roda Gira, a entreter a razão, Esse comboio de corda Que se chama coração.</p>	<p>Dizem que finjo ou minto Tudo o que escrevo. Não. Eu simplesmente sinto Com a imaginação. Não uso o coração.</p> <p>Tudo o que sonho ou passo, O que me falha ou finda, É como que um terraço, Sobre outra coisa ainda. Essa coisa é que é linda.</p> <p>Por isso escrevo em meio Do que não está ao pé, Livre do meu enleio, Sério do que não é. Sentir? Sinta quem lê.</p>

Heterónimos de Fernando Pessoa

Fernando Pessoa foi vários poetas ao mesmo tempo. Tendo sido "plural", como se definiu, criou personalidades próprias para os vários poetas que conviveram nele. Cada um tem sua biografia e traços diferentes de personalidade. Os poetas não são pseudónimos e sim heterónimos, isto é, indivíduos diferentes, cada qual com seu mundo próprio, representando o que angustiava ou encantava o seu autor.

• **Alberto Caeiro** nasceu em Lisboa, em 16 de abril de 1889. Órfão de pai e mãe, só teve instrução primária e viveu quase toda a vida no campo, sob a proteção de uma tia. Poeta de contato com a natureza, extraindo dela os valores ingénuos com os quais alimenta a alma. Para Caeiro, "tudo é como é", "tudo é assim como é assim", o poeta reduz tudo à objetividade, sem a mediação do pensamento. O poema "O Guardador de Rebanhos" mostra a forma simples e natural de sentir e dizer desse poeta. Fernando Pessoa considerava-o o seu "mestre". Alberto Caeiro morreu tuberculoso, 1915.

• Ricardo Reis nasceu no Porto, no dia 19 de setembro de 1887. Teve formação na escola de jesuítas e estudou medicina. Monarquista, exilou-se no Brasil, por não concordar com a Proclamação da República Portuguesa. Foi profundo admirador da cultura clássica, tendo estudado latim, grego e mitologia. A obra de Reis é a ode clássica, cheia de princípios aristocráticos.

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos).

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,
E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento -
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu levores o óbolo ao barqueiro sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim - à beira-rio,
Pagã triste e com flores no regaço.

- Álvaro de Campos foi o mais importante heterónimo de Fernando Pessoa. Nasceu no extremo sul de Portugal, em Tavira, em 15 de outubro de 1890. É o poeta moderno, aquele que vive as ideologias do século XX. Estudou Engenharia Naval, na Escócia, mas não podia suportar viver confinado em escritórios. De temperamento rebelde e agressivo, os seus versos reproduzem a revolta e o inconformismo, manifestados através de uma verdadeira revolução poética. Escreveu "Ode Triunfal", "Ode Marítima" e "Tabacaria".

- Bernardo Soares é um dos heterónimos que o próprio Fernando Pessoa definiu como sendo um "semi-heterónimo". É o autor do Livro Desassossego.

Mensagem e Lusíadas

Síntese

- *Os Lusíadas* e a *Mensagem* cantam, em perspetivas diferentes, a grandeza de Portugal e o sentimento português.
- Nas duas primeiras partes da *Mensagem* é possível um diálogo com *Os Lusíadas*; em *O Encoberto*, Pessoa situa-se no momento em que o Império Português parece desmoronar-se por completo e, assume, então, o cargo de anunciador de um novo ciclo que se anuncia, o Quinto Império, que não precisa de ser material, mas civilizacional.
- *Os Lusíadas* são uma narrativa épica, que faz uma leitura mítica da História de Portugal. Em estilo elevado, canta uma ação heroica passada e analisa os acontecimentos futuros, cuja visão os deuses são capazes de antecipar.
- Fernando Pessoa, no poema épico – lírico, canta, de forma fragmentária e numa atitude introspetiva, o império territorial, mas retrata o Portugal que "falta cumprir-se", que se encontra em declínio a necessitar de uma nova força anímica.
- Camões propõe o povo português como sujeito da ação heroica.
- Camões procura perpetuar a memória de todos os heróis que construíram o Império Português; Fernando Pessoa descobre a predestinação desses heróis, para encontrar um novo heroísmo que exige grandeza de alma e capacidade de sonhar, quando o mesmo Império se mostra moribundo.
- Os nautas, incluindo Vasco da Gama, são símbolo do heroísmo lusíada, do seu espírito de aventura e da capacidade de vivência cosmopolita.
- Em *Lusíadas*, Camões conseguiu fazer a síntese entre o mundo pagão e o mundo cristão; na *Mensagem*, Pessoa procura a harmonia entre o mundo pagão, o mundo cristão e o mundo esotérico.

- Fernando Pessoa, na *Mensagem*, procura anunciar um novo império civilizacional. O “intenso sofrimento patriótico” leva-o a antever um império que se encontra para além do material.
- Estrutura tripartida da *Mensagem*:
 - * Nascimento
 - * Vida
 - * Morte/renascimento
- Os 44 poemas que constituem a *Mensagem* encontram-se agrupados em três partes:
 - ☞ **Primeira Parte – Brasão (construtores do Império)**
A primeira parte – **Brasão** – corresponde ao nascimento, com referência aos mitos e figuras históricas até D. Sebastião, identificadas nos elementos dos brasões. Dá-nos conta do Portugal erguido pelo esforço dos heróis e destinado a grandes feitos.
 - ☞ **Segunda Parte – Mar Português (o sonho marítimo e a obra das descobertas)**
Na segunda parte – **Mar Português** – surge a realização e a vida; refere personalidades e acontecimentos dos Descobrimentos que exigiram uma luta contra o desconhecido e os elementos naturais. Mas, porque “tudo vale a pena”, a missão foi cumprida.

Mitificação do herói (Lusíadas)

- Os *Lusíadas* mostram a história do povo que teve a ousadia da aventura marítima e a intenção em exaltar os heróis que contribuíram a alargaram o Império;
- Os navegantes, com destaque para Vasco da Gama, ultrapassam a individualidade do herói coletivo (povo), e são símbolos do heroísmo lusíada, do seu espírito de aventura e da capacidade de vivência cosmopolita;
- Exprime a passagem do desconhecido para o conhecido, da realidade do Velho Continente e dos seus mitos indefinidos para novas realidades de um mundo a descobrir.
- Ao contrário dos épicos anteriores, Camões escolheu um herói coletivo, procurando que a sua epopeia anunciasse a história de todo um povo, afirmando que os navegantes, que chegaram à Índia, e todos os heróis lusíadas merecem a mitificação;
- Nega a existência de deuses, dizendo que estes são criação do homem para tentar justificar o que lhe parece difícil de explicar.

Eugénio de Andrade

"**Poeta da intensidade**" (como lhe chamou Vergílio Ferreira) ou "**o grande poeta do amor da poesia portuguesa do século XX**" (segundo afirma António José Saraiva), **Eugénio de Andrade** sabe escolher as palavras e as imagens para nos transmitir com musicalidade o sentido do maravilhoso, da esperança e da plenitude.

Em **Eugénio de Andrade**, a palavra faz parte da magia, permitindo-lhe traduzir e provocar emoções. Na sua poesia, a palavra certa, colocada com precisão, segrega sentimentos, revela o desassossego do espírito, transporta-nos ao mistério da vida que se reflete como um espelho, acontece radiosa. Palavra luminosa, serena ou rumorosa, precisa e plena, cheia de dignidade, tanto serve para exprimir o alvoroço e a inquietação como para revelar memórias e exteriorizar nostalgias.

Com palavras simples e numa **linguagem** fácil, contagiante e franca, mas insinuante, a poesia adquire transparência, tornando-se cristalina. Graças a um vocabulário solar e pleno de nitidez, traduzido em expressões sinceras e breves, traduz toda a sua verdade das coisas e das pessoas, dos olhares e dos gestos, das emoções e dos sentimentos, das paisagens e dos lugares, da vida e do mundo.

Poeta solar e das palavras de uma inocência infantilina, **EUGÉNIO DE ANDRADE** procura através das potencialidades imagísticas, metafóricas e rítmicas celebrar a intensidade da vida e o modo de estar.

Para **EUGÉNIO DE ANDRADE**, a **poesia** (e a literatura) é apenas um "*ofício de paciência*", que se prolonga num discurso breve e incisivo, franco e límpido, sempre idêntico e diferente, mas que usa palavras maternas, aprendidas no contacto com a terra e abertas aos seus múltiplos sentidos. Note-se essa clareza poética, a brevidade do verbo, a emotiva forma da sua *arte* de fazer *versos* em que a terra lhe traz toda a ciência e toda a verdade.

A "**intimidade com a terra**" permitiu ao poeta fazer o **poema** e exprimir o homem em harmonia exata. Note-se a presença da figura feminina, de sentido maternal, nesta imagem da terra.

Na sua poesia há não só o **mundo terreno**, feito dos rios e dos montes, das árvores e dos animais, dos amigos e de todas as coisas materiais, mas também toda uma relação sincera, terna e afetiva com tudo o que, apresentando-se aos sentidos, pode provocar o apelo. E ainda que o erotismo se pressinta e revele a sexualidade do poeta, as palavras dão conta de uma

sinceridade e de um saber estar no mundo com toda a simplicidade, numa fusão de corpos que condensa e se encerra na Natureza.

A **interação corpo-terra-palavra** tem a sua explicação lógica: a **terra** é a origem do Homem e nela os sentidos despertam, o seu **corpo realiza-se**; para exprimir as sensações, as emoções e os sentimentos desta presença na terra e do estimular dos sentidos, o ser humano precisa da palavra. Daí **EUGÉNIO DE ANDRADE** assumir-se **como poeta da terra**, cantando-a como sinónimo de vida. Na **terra**, o homem e a mulher amam-se, o **corpo** cresce e a esperança no futuro brota. Na **terra**, símbolo de fertilidade e habitação do ser, se aprende a vida, mesmo quando a liberdade não circula. A escrita poética, graças às **palavras** exatas, permite animar o corpo que se confunde com o ritmo da terra. A harmonia cósmica é, assim, iluminada pela palavra que permite revelar o corpo, ser voz do Homem, comunicar a vida.

Sophia de Mello Breyner

Sophia de Mello Breyner Andresen nasceu no Porto a 6 de novembro de 1919 e faleceu em Lisboa a 2 de julho de 2004. Da infância aristocrática e feliz passada no Porto ficaram imagens e reminiscências que povoam, de forma explícita ou alusiva, a sua obra poética e ficcional, particularmente os contos para crianças: a casa do Campo Alegre, o jardim, a praia da Granja, os Natais celebrados segundo a tradição nórdica, foram lugares e vivências que marcaram de forma determinante o imaginário da autora.

Depois do casamento, em 1946, com Francisco Sousa Tavares – advogado, jornalista e político –, a poesia de Sophia tornou-se mais interveniente e atenta às questões sociais do seu tempo. Em *Livro Sexto* e *Dual*, nomeadamente, surge carregada de revolta perante a tirania, a injustiça e a corrupção, com momentos de grande força apelativa, como “Pranto pelo dia de hoje”, “Exílio” e “O velho abutre”, entre outros. Idênticas preocupações estão presentes no volume *Contos Exemplares* (1962), em cuja dedicatória se lê: “Para o Francisco, que me ensinou a coragem e a alegria do combate desigual”, e onde a autora alia um sentido de intervenção política à sua mundividência humanista cristã. Paralelamente, Sophia teve uma atuação cívica relevante antes e depois do 25 de Abril, na oposição ao regime de Salazar e na defesa das liberdades: foi cofundadora da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, presidente da Assembleia Geral da Associação Portuguesa de Escritores e, após a Revolução, deputada à Assembleia Constituinte.

José Saramago

Filho e neto de camponeses, José Saramago nasceu na aldeia de Azinhaga, província do Ribatejo, no dia 16 de novembro de 1922, se bem que o registo oficial mencione como data de nascimento o dia 18. Os seus pais emigraram para Lisboa quando ele não havia ainda completado dois anos. A maior parte da sua vida decorreu, portanto, na capital, embora até aos primeiros anos da idade adulta fossem numerosas, e por vezes prolongadas, as suas estadas na aldeia natal.

Fez estudos secundários (liceais e técnicos) que, por dificuldades económicas, não pôde prosseguir. O seu primeiro emprego foi como serralheiro mecânico, tendo exercido depois diversas profissões: desenhador, funcionário da saúde e da previdência social, tradutor, editor, jornalista. Publicou o seu primeiro livro, um romance, *Terra do Pecado*, em 1947, tendo estado depois largo tempo sem publicar (até 1966). Trabalhou durante doze anos numa editora, onde exerceu funções de direção literária e de produção. Colaborou como crítico literário na revista *Seara Nova*. Em 1972 e 1973 fez parte da redação do jornal *Diário de Lisboa*, onde foi comentador político, tendo também coordenado, durante cerca de um ano, o suplemento cultural daquele vespertino.

Pertenceu à primeira Direção da Associação Portuguesa de Escritores e foi, de 1985 a 1994, presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores. Entre abril e novembro de 1975 foi diretor-adjunto do jornal *Diário de Notícias*. A partir de 1976 passou a viver exclusivamente do seu trabalho literário, primeiro como tradutor, depois como autor. Casou com Pilar del Río em 1988 e em fevereiro de 1993 decidiu repartir o seu tempo entre a sua residência habitual em Lisboa e a ilha de Lanzarote, no arquipélago das Canárias (Espanha). Em 1998 foi-lhe atribuído o Prémio Nobel de Literatura.

José Saramago faleceu a 18 de junho de 2010.

Estilo da escrita do autor:

O mundo literário de José Saramago é fundamentado por quatro elementos:

- A dúvida do homem moderno numa dupla lógica de assumir uma posição crítica sobre o passado e aprender com ele;
- A introdução de elementos sobrenaturais (fantástico), não se distanciando, contudo, do mundo real;
- A viagem no mundo real e no interior do Homem através da imaginação;
- Ateu convicto, Saramago opunha-se à Igreja Católica e criticava-a fortemente, à qual se referia com frequência como "fascista".

Memorial do Convento

Síntese

- *Memorial do Convento* evoca a História portuguesa do reinado de D. João V. no século XVIII, procurando uma ponte com as situações políticas de meados do século XX.
- Durante o reinado de D. João V, o rigor e as perseguições do Santo Ofício aumentam com vítimas que tanto podem ser cristãos-novos como todos os considerados culpados de heresias, por se associarem a práticas mágicas ou de superstição.
- *Memorial do Convento* caracteriza uma época de excessos e diferenças sociais, que se mantêm na atualidade: opulência/miséria; poder/opressão; devassidão/penitência; sagrado/profano; amor ausente/amor sincero...
- *Memorial do Convento* é uma narrativa histórica que entrelaça personagens e acontecimentos verídicos com seres conseguidos pela ficção.
- Romance histórico, oferece-nos uma minuciosa descrição da sociedade portuguesa no início do século XVIII; romance social, dentro da linha neorrealista, preocupa-se com a realidade social, em que sobressai o operariado oprimido; romance de intervenção, visa denunciar a história repressiva portuguesa na primeira metade do século XX; romance de espaço, representa uma época, interessando-se por traduzir não apenas o ambiente histórico, mas também vários quadros sociais que permitem um melhor conhecimento do ser humano.
- Existem duas linhas condutoras da ação: a construção do convento de Mafra e as relações entre Baltazar e Blimunda.
- A ação principal é a construção do convento de Mafra, que entrelaça o desejo megalómano do rei com o sofrimento do povo.
- Paralelamente à ação principal, encontra-se uma ação que envolve Baltazar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas, numa história de espiritualidade, de ternura, de misticismo e de magia.
- As duas ações, que se encaixam, sugerem uma profunda humanidade trágica.
- Os espaços físicos e sociais privilegiados são Lisboa e Mafra.
- As personagens servem a própria intenção do autor na necessidade de repensar os acontecimentos e as figuras históricas à luz de uma nova realidade criada no presente e pressentida no futuro.
- As personagens femininas adquirem, na obra, claro relevo: D. Maria Ana é a rainha triste e insatisfeita, que vive um casamento de aparência e com escrúpulos morais nas relações

sexuais e nos sonhos; Blimunda é a mulher com capacidades de vidente e possuidora de uma sabedoria muito própria, cheia de sensualidade e amor verdadeiro.

- Saramago rejeita a onnipotência do narrador, na medida em que considera que o é o autor que põe em causa o presente que conhece e o passado que lhe chega através das suas investigações. Para Saramago a onnipotência do narrador é pura ficção.
- Uma voz narrativa controla a ação narrada, as motivações e os pensamentos das personagens, mas faz também as suas reflexões e juízos valorativos.
- A história torna-se matéria simbólica para refletir sobre o presente, na perspetiva da denuncia e dela extrair uma moralidade que sirva para o futuro.
- Observando *Memorial do Convento*, julgamos que a escrita saramaguiana persegue uma preocupação com o ser humano, a sua miséria e a sua luta, as injustiças e os seus anseios, a sua grandeza e os seus limites.
- Em *Memorial do Convento* há, diversas vezes, um discurso de sobreposições narrativas com uma voz que tanto descreve como desconstrói as situações, que dialoga com o narratário ou manuseia as personagens como títeres, que domina os conhecimentos da história ou se sente limitado, que faz ponderações ou ironiza.

Classificação (tipo de romance)

Romance histórico, social e de espaço que articula o plano da história com o plano do fantástico e da ficção.

O título sugere memórias de um passado delimitado pela construção do convento de Mafra e memórias do que de grandioso e trágico tem o símbolo do país.

Como ROMANCE HISTÓRICO, oferece-nos: uma minuciosa descrição da sociedade portuguesa da época, a sumptuosidade da corte, a exploração dos operários, referências à Guerra da Sucessão, autos-de-fé, construção do convento, construção da passarola pelo Padre Bartolomeu de Gusmão.

Como ROMANCE SOCIAL, é crónica de costumes.

Como ROMANCE DE INTERVENÇÃO, pois apresenta-nos a história repressiva portuguesa.

Luís de Sttau Monteiro

Luís de Sttau Monteiro publicou a sua obra *Felizmente há Luar* em [1961], porém a censura não deixou subir à cena, o que só viria a acontecer em 1978, no Teatro Nacional, numa encenação do próprio autor. Trata-se de um drama narrativo, na linha do teatro brechtiano, o seu protagonista, o General Gomes Freire de Andrade, nunca aparece em cena, mas o seu calvário, da prisão à fogueira, é retratado através da perseguição que lhe movem os governadores do reino, da forçada resignação de um povo dominado pela "miséria, o medo e a ignorância", da revolta desesperada e impotente da mulher.

Felizmente Há Luar aborda um tema da nossa história: A Conspiração de 1817. Esta obra apresenta dois tempos: o tempo da história e o tempo da escrita. O tempo da história é o século XIX (1817) época em que começa a desenhar-se a imposição do regime liberal, o tempo da escrita é o ano de 1961 (ano de convulsões de oposição ao regime salazarista).

A peça "*Felizmente há luar*" é uma peça épica, inspirada na teoria marxista, que apela à reflexão, não só no quadro da representação, como também na sociedade em que se insere. O teatro de Brecht pretende representar o mundo e o homem em constante evolução de acordo com as relações sociais. Estas características afastam-se da conceção do teatro aristotélico que pretendia despertar emoções, levando o espectador a identificar-se com o herói. O teatro moderno tem como preocupação fundamental levar os espectadores a pensar, a refletir sobre os acontecimentos passados e a tomar posição na sociedade em que se insere. Surge assim a técnica do distanciamento que propõe um afastamento entre o ator e a personagem e entre o espectador e a história narrada, para que, de uma forma mais real e autêntica possam fazer juízos de valor sobre o que está a ser representado. Luís Sttau Monteiro pretende através da distanciação, envolver o espectador no julgamento da sociedade, tomando contacto com o sofrimento dos outros. Deste modo o espectador deve possuir um olhar crítico para melhor se aperceber de todas as formas de injustiça e opressões.

Felizmente há Luar

- *Felizmente há luar* é um drama narrativo, de carácter social, dentro dos princípios do teatro épico; na linha de Brecht, analisa criticamente a sociedade, mostrando a realidade com o objetivo de levar o espectador a tomar uma posição.
- Exprime a revolta contra o poder despótico e mostra o direito e o dever da mulher e do homem de transformarem a sociedade.
- A obra *Felizmente há Luar* é entendida como uma alegoria política. Sttau Monteiro remete o leitor/espectador para os problemas sociais e políticos de Portugal não apenas no início do século XIX e durante o regime ditatorial do século XX, mas para todos os regimes despóticos e situações repressivas.
- Existe um paralelismo entre a Acção presente na peça e os contextos ideológico e sociológico do país.
- Há um mergulhador no passado onde se revisitam os acontecimentos históricos para levar o leitor/espectador a interpretar o presente e a refletir sobre a necessidade de lutar contra qualquer opressão.
- Graças à distanciação histórica, denúncia um ambiente política repressivo dos inícios do século XIX, para provocar a reflexão sobre um tempo de opressão e de censura que se repete no século XX.
- A figura central é o general Freire Gomes de Andrade, que, mesmo ausente, condiciona a estrutura interna da peça e o comportamento de todas as outras personagens.
- O monólogo inicial de Manuel, “o mais consciente dos populares”, coloca-nos no contexto histórico da obra: invasões napoleónicas e proteção de Inglaterra; situação de repressão do povo pelos “senhores do Rossio”.
- *Felizmente há Luar* é uma obra intemporal que nos remete para a luta do ser humano contra a tirania, a injustiça e todas as formas de perseguição.
- Matilde de Melo, “a companheira de todas as horas”, possuidora de uma densidade psicológica notável, aparece na obra não apenas como sonhadora, que sabe amar de verdade, mas a personagem que, corajosamente, desmascara a hipocrisia e reage contra o ódio e as injustiças. Ela acredita na transformação da situação de opressão em que o povo vive.
- Diversos símbolos favorecem a compreensão da situação vivida e da esperança de alcançar a liberdade: a saia verde, a luz, a noite, a lua, a fogueira, o lume, a moeda dos cinco réis, os tambores...
- Narra a luta pela liberdade no início do século XIX e serve de pretexto para uma reflexão sobre a ditadura em Portugal no século XX. Todos os opressivos, e concretamente o regime salazarista, entre o início dos anos trinta e 1974, foram denunciados e contestados pelos artistas. A literatura, a música e outras artes foram o “veículo de protesto” contra a censura, contra a miséria.

Gramática

Os conectores ou articuladores de discurso

Os conectores ou articuladores de discurso que seguidamente apresentamos (em quadro) são um auxiliar excelente na construção do discurso, quer se trate de um resumo, de uma síntese, de um comentário ou de outro tipo de técnica. Eles são um contributo importante para uma escrita correta; no entanto, é necessário saber em que momentos do nosso discurso os devemos usar e como usar. Como tal, não podemos esquecer as ideias que pretendemos transmitir, porque a escolha far-se-á em função delas.

Adição	E, pois, além disso, e ainda, não só...mas também, por um lado... por outro (lado)
Causa	Pois, pois que, porque, por causa de, dado que, já que, uma vez que, porquanto
Certeza	É evidente que, certamente, decerto, com toda a certeza, naturalmente, evidentemente
Consequência	Por tudo isto, de modo que, tanto... que, de tal forma que
Conclusão	Portanto, logo, enfim, em conclusão, concluindo, em suma
Chamar a atenção	Note-se que, atente-se em, repare-se, veja-se, constate-se
Dúvida	Talvez, é provável, é possível, provavelmente, possivelmente, porventura
Enfatizar	Efetivamente, com efeito, na verdade, como vimos
Esclarecer	(não) significa isto que, quer isto dizer, não se pense que, com isto não pretendemos
Exemplificar	Por exemplo, isto é, como se pode ver, é o caso de, é o que se passa com
Fim	Para, para que, com o intuito de, a fim de, com o objetivo de
Hipótese, condição	Se, a menos que, supondo que, (mesmo) admitindo que, salvo se, exceto se
Ligação espacial	Ao lado, sobre, à esquerda, no meio, naquele lugar, o lugar onde
Ligação temporal	Após, antes, depois, em seguida, seguidamente, até que, quando
Opinião	A meu ver, estou em crer que, em nosso entender, parece-me que
Oposição, restrição	Mas, apesar de, no entanto, porém, contudo, todavia, por outro lado
Reafirmação, resumo	Por outras palavras, ou melhor, ou seja, em resumo, em suma
Semelhança	Do mesmo modo, tal como, assim como, pela mesma razão

Bianchi, Aida e Felgueiras, Anabela, *O Essencial do 12º Ano, Português B*, Ed. Asa, 2004

RECURSOS ESTILÍSTICOS

Aliteração – Repetição de sons consonânticos.

Exemplo:

“Fogem fluindo à fina-flor dos fenos.” (Eugénio de Castro)

“Na messe, que enlourece, estremece a quermesse.” (Eugénio de Castro)

Assonância – Repetição de sons vocálicos.

Exemplo:

“Sino de Belém, pelos que inda vêm!

Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!

Sino da Paixão bate bão-bão-bão.”

(Manuel Bandeira, Poesia Completa e Prosa)

Onomatopeia – Conjunto de sons que reproduzem ruídos do mundo físico. Este conjunto de sons pode formar palavras com sentido (palavras onomatopaicas).

Exemplo: “Bramindo o negro mar de longe brada.” (Camões)

Anáfora – Repetição de uma ou mais palavras no início de verso ou de período.

Exemplo:

“Toda a manhã/fui a flor/impaciente/por abrir. /Toda a manhã/fui ardor/do sol/no teu telhado.” (Eugénio de Andrade)

“É brando o dia, brando o vento. É brando o Sol e brando o céu.” (Fernando Pessoa)

Adjetivação ou dupla adjetivação – consiste na utilização de um ou mais adjetivos de forma a tornar o texto mais belo ou mais expressivo.

Exemplo:

“O tigre é um mamífero carnívoro, robusto, elegante e muito feroz, cujo pelo apresenta coloração com lindas listas transversais negras ...”

Assíndeto – Supressão das partículas de ligação (vírgula, virgula,)

Exemplo:

“Quero perder-me neste Pisão, nesta Pereira, neste Desterro.” (Vitorino Nemésio)

“Eu hoje estou cruel, frenético, exigente.” (Cesário Verde)

Polissíndeto – Repetição dos elementos de ligação entre palavras.

Exemplo:

“Aqui e no pátio e na rua e no vapor e no comboio e no jardim e onde quer que nos encontremos.” (Sebastião da Gama)

“E crescer e saber e ser e haver

E perder e sofrer e ter terror.” (Vinicius de Moraes)

Anástrofe – Inversão da ordem direta das palavras.

Exemplo: “Tirar Inês ao mundo determina.” (Camões)

Hipérbato – Inversão violenta da ordem dos elementos na frase.

Exemplo:

“Casos/Duros que Adamastor contou futuros.” (Camões)

“Estas sentenças tais o velho honrado Vociferando estava.” (Camões)

Paralelismo ou simetria – Repetição do esquema ou construção da frase ou do verso.

Exemplo:

“Meu amor! Meu amante! Meu amigo!” (Florbela Espanca)

“E agora José? A festa acabou/a apagou/o povo sumiu/a noite esfriou/e agora José? E agora Joaquim? /Está sem mulher/está sem discurso/está sem caminho...” (Carlos Drummond de Andrade)

“Ondas do mar de Vigo,
Se vistes o meu amigo,
E ai Deus se virá cedo!
Ondas do mar levado,
Se vistes meu amado,
Ai Deus se virá cedo!” (Martim Codax)

Pleonasma – Repetição de uma ideia já expressa.

Exemplo:

“Vi, claramente visto, o lume vivo.” (Camões)

“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!” (Fernando Pessoa)

Quiasmo – Estrutura cruzada de quatro elementos, agrupados dois a dois. Assim, o segundo grupo apresenta os mesmos elementos do primeiro, mas invertendo a ordem (J.M. Castro Pinto).

Exemplo:

“Joana flores colhia/Joana colhia cuidado.” (Bernardim Ribeiro)

“Mais dura, mais cruel, mais rigorosa,”

Antítese – Apresentação de um contraste entre duas ideias ou coisas. Repare-se nesta sequência de antíteses:

Exemplo:

“Ganhe um momento o que perderam anos/Saiba morrer o que viver não soube!” (Bocage)

“Ali, àquela luz ténue e esbatida, ele exalava a sua paixão crescente e escondia o seu fato decadente.” (Eça de Queirós)

“O mito é o nada que é tudo.” (Fernando Pessoa)

Paradoxo – Um mesmo elemento produz efeitos opostos.

Exemplo:

“Que puderam tornar o fogo frio.”
Que saudade, gosto amargo.”

Apóstrofe ou Invocação – Interpelação a alguém ou a alguma coisa personificada.

Exemplo:

“Ó glória de mandar, ó vá cobiça/Desta vaidade a quem chamamos fama. ” (Camões)

“Bem puderas, ó Sol, da vista destes...” (Camões)

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!” (Fernando Pessoa)

Comparação – Consiste na relação de semelhança entre duas ideias ou coisas, através de uma palavra ou expressão comparativa ou de verbos a ela equivalentes (parecer, lembrar, assemelhar-se, sugerir).

Exemplo:

“O génio é humilde como a natureza.” (M. Torga)

“A rua [...] parece um formigueiro agitado.” (Érico Veríssimo)

“Eu toco a solidão como uma pedra.” (Sophia de Mello Breyner Andresen)

Eufemismo – Dizer de uma forma suave uma ideia ou realidade desagradável.

Exemplo:

"...Só porque lá os velhos apanham de quando em quando uma folha de couve pelas hortas, fazem de nós uns Zés do Telhado!" (Aquilino Ribeiro)
"Tirar Inês ao mundo determina." (Camões)
"Vai pera a ilha perdida" (Gil Vicente)

Disfemismo – Dizer de forma violenta aquilo que poderia ser apresentada de uma forma mais suave.

Exemplo:

"Esticar o pernil."
" – Foi. Enfurecendo-se, estourou. É dos livros...
– Se não se tivesse zangado hoje...
– Estourava amanhã. Estava nas últimas... Deixa em paz a criatura.
Está começando a esta hora a apodrecer, não a perturbemos." (Eça de Queirós)

Enumeração – Apresentação sucessiva de vários elementos.

Exemplo: "Deu sinal a trombeta castelhana/Horrendo, fero, ingente e temeroso." (Camões)

Gradação – Disposição dos termos por ordem progressiva no seio de uma enumeração. Pode ser crescente ou decrescente.

Exemplo: "Duro, seco, estéril monte..." (Camões)

Hipálage – Atribuição a um ser ou coisa de uma qualidade ou ação logicamente pertencente a outro ser.

Exemplo:

"As tias faziam meias sonolentas." (Eça de Queirós)
"Dá-me cá esses ossos honrados." (Eça de Queirós)

Personificação – Atribuição de qualidades ou comportamentos humanos a seres que não o são.

Exemplo:

"Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal." (Fernando Pessoa)
"Havia na minha rua/Uma árvore triste." (Saúl Dias)
"Também, choram [as ondas] todo o dia, /Também se estão a queixar. /Também, á luz das estrelas, / toda a noite a suspirar!" (Antero de Quental)

Hipérbole – Ênfase resultante do exagero.

Exemplo:

"Se aquele mar foi criado num só dia, eu era capaz de o escoar numa só hora." (Agustina Bessa - Luís)
Ela só viu as lágrimas em fio/que duns e doutros olhos derivadas/se acrescentaram em grande e largo rio." (Camões)

Ironia – Figura que sugere o contrário do que se quer dizer.

Exemplo:

"Senhora de raro aviso e muito apontada em amanho da casa e ignorante mais que o necessário para ter juízo." (Camilo Castelo Branco)
"A Câmara Municipal do Porto, com uma nobre solicitude pelo peixe, para quem parece ser uma extremosa mãe, e receando com um carinho assustado, que o peixe se constipasse [...] construiu-lhe uma praça fechada." (Eça de Queirós)

Metáfora – Comparação de dois termos, seguida de uma identificação.

Exemplo:

"A menina Vilaça, A loura, vestida de branco, simples, fresca, com o seu ar de gravura colorida." (Eça de Queirós)

Sinédoque – Variante de metonímia, pela qual se exprime o todo pela parte ou vice-versa.

Exemplo:

"...a Ocidental praia Lusitana." (Camões)
"...novo temor da Moura lança." (Camões)

Sinestesia – Fusão de percepções relativas a dados sensoriais de sentidos diferentes.

Exemplo:

"Da luz, do bem, doce clarão irreal." (Camilo Pessanha)
"...delicioso aroma selvagem." (Almeida Garrett)
"Tinha um sorriso amargo." (Eça de Queirós)

Elipse – Omissão de uma palavra (um adjetivo, um verbo, etc.) que subentende.

Exemplo:

"Quero perder-me neste Pisão, nesta Pereira, neste Desterro." (Vitorino Nemésio)
Equivalente a: Quero perder-me neste Pisão, [quero perder-me] nesta Pereira, [quero perder-me] neste Desterro.

Alegoria – Coisificação de um conceito abstrato: «o polvo» (=a hipocrisia e traição), no Sermão de Santo António (Pe. António Vieira), é uma alegoria.

Exemplo:

"...tão grande sandice é [...] desprezar o estado das virtudes, e escolher o estado dos pecados, como seria se algum quisesse passar algum rio perigoso e tormentoso e achasse duas barcas: uma forte e segura e mui bem aparelhada, e em que raramente algum se perde, [...] e outra velha, fraca, podre, rota em que todos se perdem, e alguns poucos se salvam". (D. Duarte)

Animismo – Atribuição de vida a seres inanimados.

Exemplo:

"Plácida, a planície adormece, lavrada ainda de restos de calor." (Virgílio Ferreira)

Imagem – Recurso a aspetos sensoriais para, a partir daí, provocar uma forte evocação afetiva (José M. de Castro Pinto).

Exemplo:

"Para os vales poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, de um verde tão moço, que eram como um musgo macio onde apetecia cair e rolar." (Eça de Queirós)
"Um polvo de pânico desdobra-se pelos fios." (José Gomes Ferreira)

Interrogação – Questão retórica, isto é, não visa uma resposta, antes procura dar ênfase e criar expectativa.

Exemplo:

"Sou por ele [retrato] possuído? /Ou ele me possui?" (Raul de Carvalho)

Perífrase – Figura que consiste em dizer por muitas palavras o que poderia ser dito em algumas ou alguma.

Exemplo:

"Tenho estado doente. Primeiramente, estômago – e depois, um incómodo, um abcesso naquele sítio em que se levam os pontapés..." (Eça de Queirós)